

A INFLUENCIA DO GAÚCHO NA CULTURA DE TRÊS PAÍSES

Mano TERRA⁰

⁰Pseudônimo do Jornalista Homero M. Franco, Escritor e Produtor Cultural nos Meios Nativistas. R. Frei Caneca, 506, BI, Apto. 1101, CEP 88025-000 Florianópolis, SC.

Gaúcho's influence in the culture of three countries

Abstract: *The people who lives in the South Common Market region are mainly rural and revolutionary. Land occupation and maintenance resulted from fight for land. In this context, the indian was a strong example of love for land. The open fields as well as the cattle and horses, brought to the land from 1536 onwards, provided men with natural and necessary conditions to be farmers. The Pampa presented in the three countries was the adequate scenery for cattle, horses and the typical gaúcho. The gaúcho, for his part, has his origin in the mixing of the European, African and Indian people. The mission experience in four countries, reinforced the farmers natural abilities to carry out rural and handicraft work. Due to the need for land defense, the gaúcho ability to fight and his love for land were also reinforced. The farmer inherited from the gaúcho, his ancestor, all these abilities which led to an economy based on leather and cattle management. As a result, a large region comprising three countries — Entre Rios, Argentina, Uruguay and Brasil up to Minas Gerais State — has been strongly integrated by culture.*

Cronologia necessária

A história do gaúcho e a influência de sua cultura na vida de cerca de 100 milhões de sul-americanos, começou a ser escrita em 1626. Até esse ano, a *Pampa* setentrional, onde ele nasceu, era habitada apenas por indígenas, dentre os quais se destacavam quatro nações: 1) a *Charrua*, também conhecida por *Pampa* ou *Minuano*, integrada por caçadores nômades subdivididos nos subgrupos dos *Guinauanes*, dos *Bohanes* e dos *Yaros*; 2) a *Chanáes*, cujos integrantes desenvolviam uma agricultura incipiente às margens do rio Uruguai; 3) a *Guarani*, que além de algumas técnicas agrícolas, dominava a cerâmica e a navegação ribeirinha, em canoas; 4) a *Guaicuru*, cujos integrantes por contatos com os indígenas, dominavam a agricultura irrigada. A miúdo, as quatro nações brigavam entre si.

Com o advento das Missões na margem esquerda do Rio Uruguai, mediante a fundação, em maio de 1626, de *San Nicolas dei Piratini*, sob a orientação dos padres jesuítas, envolvendo os índios *Guaranis* do *Tape* (Oeste do RS), incrementam-se as desavenças entre os *Charruas* e os *Guaranis*, agora membros das reduções missioneiras. O clima de guerra ocorre especialmente de 1628 em diante com a chegada de 1.800 cabeças de gado (99 fêmeas e um macho, para o estabelecimento de dezoito estâncias missioneiras praticamente dentro das áreas ocupadas pelos *Charruas*), trazidas de Entre Rios para o *Tape* pelo padre *Cristóval de Mendoza Orellano*. Nunca, porém, as nações *Charruas* chegam a unir-se para repelir o invasor. (Vide adiante a origem de sua

futura ação confederada).

Em 1640, os jesuítas de língua espanhola abandonariam a margem esquerda do Rio Uruguai, deixando para trás o gado ali introduzido. Têm origem aí os termos 'gado orelhano' e 'gado chimarrão', atribuído aos vacunos abandonados nas Vacarias do Mar (Uruguai) e dos Pinhais (noroeste do Rio Grande do Sul).

Em 1680, os portugueses instalam a Colônia do Santíssimo Sacramento (vila e fortaleza), bem à frente de Buenos Aires, inaugurando a presença oficial do homem português na área e competindo com a presença, ali, do homem espanhol desde a primeira fundação de Buenos Aires, em 1536. A instalação de Sacramento coincide com o retorno dos jesuítas para a margem esquerda do Rio Uruguai, onde reinstalam entre 1682 e 1706, sete povoados missioneiros, reorganizando para cada um deles a sua 'estância' e novamente na *Pampa* à margem esquerda do Rio Uruguai, pátria charrua.

De outros pontos da Ibéria e da Europa chega à região reduzido número de aventureiros.

O porto de Montevideu, fundado em março de 1724, usa de mão de obra indígena missioneira e de soldados hispânicos. Pouco depois, o terminal é tomado pelos lusos, que para ali trazem negros escravos, também utilizados nas minas do hoje município de Minas/Uruguai. Parte desses negros não se adapta aos serviços e à escravidão e foge para os campos. Temos, assim, a *Pampa* povoada de gado, cavalos, índios, alguns negros e alguns brancos europeus.

Em 1726, tendo em mãos um contrato para fornecimento de couro e graxa de boi à coroa lusa, chega à *Pampa* o português Cristóvão Pereira de Abreu, decidido *aprear* o gado abundante existente dentro e fora das estâncias missioneiras. Para agilizar a atividade, que dura oito anos, Abreu contrata os serviços de homens vagos que percorrem a *Pampa*, chamados de *gaudérios*. E enfrenta a concorrência dos índios, que querem defender os seus domínios. Posteriormente Abreu viria a se entender com os índios *Charruas/Minuanos*, exímios cavaleiros, também incomodados pela presença das 'estâncias' missioneiras na *Pampa*.

Surge assim o *changador*. A origem do termo, segundo Bruno e Beatriz Premiani em "El Caballo", Edigraf, Buenos Aires, 1975, página 127, deriva da palavra *jangada*, de origem malaiala. Os *predadores* armavam *jangadas* para atravessar os caudalosos rios da região com a "mercadoria" e chegar até os locais de entrega. Pela dificuldade de pronunciar o "j", de "jangada", os espanhóis a chamavam de *changada* e os seus usuários: *changadores*.

Em menos de 10 anos foram abatidos cerca de 500 mil bois, dos quais se aproveitou apenas o couro e o sebo. A atividade foi tão intensa e predatória, que quase despovoou os campos, impingindo aos missioneiros dificuldades quanto ao abastecimento de carne. Vários autores citam o período de 1735/45 como dos mais críticos para as Missões: falta de alimentos, queda da natalidade e evasão de índios. Em compensação, índios, brancos e mestiços eram obrigados a enfrentar as matilhas de cachorros-do-mato, cuja expansão se deve ao abundante alimento encontrado nos campos.

Nem bem concluída a missão de mandar couro e graxa para Portugal, Cristóvão Pereira de Abreu passou a dedicar-se ao transporte de tropas de mulas desde Entre Rios (Argentina) até Sorocaba (São Paulo, Brasil), para vendê-las aos canavieiros e mineradores do Sudeste Brasileiro (1732). A descoberta de ouro e pedras preciosas e a crescente exportação do açúcar prenunciavam bons negócios. E negócios era com Pereira de Abreu. As experiências dos senhores de engenho e de mina feitas com a utilização do índio como escravo, haviam fracassado.- A utilização do negro escravo na mina gerava, também, muitos problemas. O escravo costumava fugir dos locais das minas com as pepitas e pedras de maior valor, quando surge a oferta de mulas para o transporte da larva para fora da mina.

Dentre os *changadores*, Pereira de Abreu recruta seus tropeiros, de raças várias. Muitos, porém, sobraram na *Pampa*, vivendo em estreito contato com o meio.

Em 1756, com o fim da Guerra Guarânica, em que os exércitos de Portugal e Espanha aniquilaram as Missões da margem esquerda do Rio Uruguai, cerca de duas mil

famílias *guaranis* sem chefe atravessaram o Rio Ibicuí e se fixaram no noroeste da hoje na ção uruguia.

Rememore-se

Em 1750, os lusos se vêem obrigados a entregar Sacramento aos espanhóis em virtude do Tratado de Madrid, recebendo, em troca, os Sete Povos das Missões, ocupados por padres espanhóis e índios *guaranis*.

O resultado desse Tratado foi a negativa dos índios em abandonar a região e as guerras de 1754 e 1756, esta últimajogando os exércitos unidos de Espanha e Portugal contra as Missões Orientais, num verdadeiro massacre.

Aos *guaranis* missioneiros, militarmente derrotados e abandonados, foi imposta uma das seguintes condições:

- a) as famílias integrais (pai, mãe e filhos) que quisessem aporuguesar-se, seriam instaladas em terras de Viamão/RS, para onde, efetivamente, foram levadas 479 delas, conforme registro histórico luso;
- b) as famílias integrais (pai, mãe e filhos) que optassem pelo reassentamento em áreas já ocupadas por outras reduções missioneiras na altura de *Posadas* (Argentina) e *Encarnación* (Paraguai), para lá foram ajudadas a transferir-se, como registra a história das colônias espanholas 6.000 almas;
- c) as famílias parciais (viúvas e seus filhos menores e os velhos inaptos para o "progresso"), tomariam o destino que quisessem, porém sem a proteção de nenhuma das coroas.

O destino tomado por uma boa parte do povo guarani, foi o êxodo para a extensão de terra que fica ao sul do Rio Ibicuí, no vale deste, à margem esquerda do Rio Uruguai. Dados imprecisos falam de 8 mil retirantes, principalmente cerca de 2 mil viúvas da guerra, seus filhos e os velhos "imprestáveis".

Os expulsos das Missões, chegam à *Pampa* e se arranjam como podem. O homem solitário da *Pampa*, vai encontrar na viúva *guarani* a sua parceira sexual, que chama de *china* em virtude da sua semelhança física com as chinesas. Em poucos anos, a *Pampa* estava povoada de mestiços, graças aos cruzamentos havidos entre o homem nómade das raças indígena, negra e branca com as índias viúvas *guaranis*.

Danilo Antón em "*Uruguaypiri*", 1979, estima que os *changadores* e nómades da *Pampa* uruguia, até 1755, eram cerca de 2 a 3 mil indivíduos. Alguns anos mais tarde esse número (oficial) passa a ser de 15 mil habitantes.

O encontro das viúvas *guaranis* com os *changadores*, deu origem ao *gúcho* (caldeamento de raças e etnias charrua, negra, guarani e ibérica), cuja história oficial foi escrita de 1810 em diante, como veremos.

Geografia, ideologia e bibliografia

Félix de Azara, escritor espanhol que percorreu os campos à época, narra que o homem primitivo da *Pampa*, *ochangador*. desconhecia totalmente o conceito de propriedade. "Para ele, a terra e o gado xucro que pastava sobre os campos indivisos eram de todos, como o ar, como a luz do dia, como a água dos rios." Criado na liberdade absoluta da natureza, não concebia ele a existência de cercas e propriedades sobre a terra e os animais, e muito menos a possibilidade de ser empregado ou arrendatário dos donos de sesmarias.

Num profundo estudo da gênese desse homem da *Pampa*, Manoelito de Ornellas, em "Gaúchos e Beduínos" aponta os povos *berberes* que dominaram, na invasão moura, a Península Ibérica, como um dos seus ancestrais em genética e cultura. Localizados na Província de León, Espanha, vivem ainda hoje os descendentes puros dos *berberes*, chamados de *maragatos*. Oriundos em maioria da Etiópia, com passagem pelo Alto Egito, os *berberes* se fizeram beduínos. Os que se fixaram na Ibéria, o fizeram em tribos separadas dos mouros por serem cristãos. Mostraram desde sempre pendores pela vida campeira, ainda que insalubre. Perseguidos em virtude da fé, nunca aceitaram o domínio mouro. Na retomada da Ibéria para os europeus, foram preservados. Dezenas deles emigrou para a América, sendo encontrados entre 1730 e 1870 nos campos isolados da *Pampa*.

Escritores que testemunharam esta época e escreveram sobre o homem mestiço da região, dele disseram: "O gaúcho herdou do índio Pampa a hospitalidade, a visão quase religiosa da natureza que o rodeava e, mais tarde, a forma organizativa confederada ensinada por Cristóvão de Abreu. O sentido de comunidade veio dos missionários, que também ofereceram o sincretismo cristão-guarani".(Felix de Azara).

A forma confederada se fez sentir, também, com Artigas, Andresito e Bento Gonçalves, em cujas tropas haviam centenas de gaúchos.

"A cultura do gaúcho era chamada pela aristocracia estrangeirizante da época, de anti-cultura. O gaúcho sempre se mostrou nacionalista e nativista".(Danilo Antón).

Antón também aceita que o ibérico encontrado nos campos contribuiu geneticamente para a mestiçagem, e culturalmente para a ideologia *gaúcho*. Para Antón, o *gaúcho* nasceu, em torno de 1760, nas serras de Maldonado e um pouquinho mais tarde também entre as serras de *Treinta y Três* e o Vale do Rio Jaguarão. Afirma ser o gaúcho resultado do primeiro caldeamento entre três raças na América: a negra, através dos africanos fugidos das minas uruguaias; a indígena, através dos *charruas* e *guaranis*, da margem esquerda do Rio Uruguai; e a branca, representada pelos *rómades*

da *Pampa*, de nacionalidade espanhola e portuguesa.

Na obra, já referida, Danilo Antón diz que "o gaúcho é fundamentalmente o guarani-tape adaptado à vida pradeira dos pampas e etnicamente mestiçado com o *changador*". E prossegue: "O gaúcho desenvolveu um sentido profundo de liberdade individual como consequência do que era a vida do homem rómade, originalmente um rebelde, muitas vezes foragido da lei e com um acentuado desapego pela autoridade constituída".

Por uma questão legal da época, ditos mestiços não podiam integrar as forças armadas de Portugal e também não eram aceitos no Corpo de Blandengues, montado pelos espanhóis para a defesa da fronteira. Por razões de impureza de raça e cor de pele, eles também não eram aceitos nas tribos indígenas. Soltos no campo, quase como bichos, se fizeram rudes e valentes, porém ecológicos.

Este o primeiro e real gaúcho. A matriz.

Apesar do esforço de muitos escritores, foram José de Alencar (*O Gaúcho*/1870), *José Hernández* (*Martin Fierro*^&72) e *António Dionísio Lvssich* (*Los Três Gaúchos Orienta/es*/187 \), os que em suas obras melhor retrataram-no e definiram-lhe a ideologia. Os demais tiveram muita dificuldade para entendê-lo porque além de analfabeto, continha na composição de sua raça a primeira miscogenação étnica da América, não comum no planeta, a primeira soma de culturas, também incomum, e uma riqueza de caráter, ausente nas castas mais humildes da época.

A maior parte do que se escreveu sobre ele, o foi pela autoridade que o reprimiu porque não pôde usá-lo como vassalo e, por isso mesmo, o chamou de "bandido". Mais tarde, quando o gaúcho se mostrou pronto para a defesa da pátria e a fez com valentia ímpar, é que se soube quem era o "bandido".

Charles Darwin, quando visitou o Uruguai, em 1879, escreveu que "o gaúcho é muito obsequioso, muito cortês, muito hospitaleiro, cheio de modéstia quando fala de si ou de seu país, ao mesmo tempo em que é atrevido e bravo".

Sobre ele completou Felix de Azara: "Nestas planuras, o gaúcho é um homem sem a menor vocação de ficar sob as ordens de terceiros".

Equivocadamente, alguns escritores tentam imputar ao gaúcho a ousadia conquistadora como pressuposto da herança de portugueses e a urna arrogância bélica como pressuposto da herança dos espanhóis. Jamais foi assim. Essa é a descrição do seu pretenso seguidor, no papel de coronel estancieiro, o que nada tem a ver ele.

Guerrilheiro por necessidade

O aumento do interesse e da ingerência lusa na Banda Oriental ocasionou, de 1777 em diante, uma agressiva

escalada política e militar de hispânicos e lusos pela posse das duas margens do Rio da Prata e pelos portos de mar ao sul de Canarêia/SP. Por conta disso, os espanhóis tomaram posse, por algum tempo, de Desterro, Rio Grande, Montevideu e Sacramento.

Ante as investidas lusas e as também constantes intervenções de Buenos Aires na Banda Oriental, o caudilho José Artigas, por volta de 1800, se mostra interessado em afastar essas duas ingerências e em estabelecer uma nação uruguaia. Organiza um exército de 2.000 homens, exímios cavaleiros e lanceiros de muita coragem, a quem chamou de *gaúchos*. Os reuniu em grupos de guerrilhas e proclamou para eles a existência de uma pátria, a pátria uruguaia.

Seus homens haviam herdado: dos *charruas* a arte de cavalgar e lancear; dos *guaranis*, a capacidade de amar a querência e de lidar com artesanato de couro e instrumentos musicais; dos negros africanos, as danças, os sapateados, o cantar triste; de Pereira de Abreu, a ação confederada.

Desse episódio em diante, passando pela tentativa de retomada das Missões pelos *guaranis* (1811/18), Guerra Farroupilha (1835/45), Guerra contra Oribe e Rosas (1851), Guerra do Paraguai (1865/75), Revolução Federalista (1893/95) e outras, o mundo viria conhecer a capacidade guerreira dos descendentes dos *gaúchos*, exatamente sobre o lombo do cavalo, como seu ancestral *Charrua*. A literatura sobre essa fase do gaúcho é farta. Este, o segundo *gancho*. A transformação.

Outros registros

Primeiro

Também por esta época, ou um pouquinho mais tarde, alguns escritores do Rio Grande do Sul, registram o surgimento de *Don Miguel Caray*, um mestiço *Charrua/Guarani*, habitante dos Campos Neutrais entre Brasil e Uruguai, cuja trajetória de líder o transformou no rei dos *Charruas*. *Caray* é descrito como o primeiro gaúcho estabelecido.

Para quem estuda o homem gaúcho de uma forma mais aberta e profunda, no entanto, jamais o gaúcho real, aqui retratado, viria a se estabelecer com estância e tão pouco a aceitar o título de rei. Tanto é assim que com o surgimento dos aramados, a partir de 1870, desaparece o *gancho* matriz e não é, de todo, substituído por este peão de estância que a soldo dos coronéis se fez guerrilheiro. Não o substitui, também, o soldado fardado que brigou contra seus iguais atendendo às ordens dos governantes.

Segundo

Mais grave ainda é tentar impingir-lhe como substituto o proprietário de terras que contrata peões bem ou mal

pagos e que se intitula gaúcho, tanto quanto seu vassal, que também não o é. O "que aconteceu depois de 1870, é que o homem campesino *ganadero* seus empregados, de Argentina, Brasil, Uruguai e Sul do Paraguai, passaram a estar muitíssimo identificado com o *gaúcho*, longe, porém, da condição primordial do gaúcho ancestral.

Terceiro

Não se pode aceitar, do mesmo modo, o generalismo que se aplica ao habitante do Rio Grande do Sul com gaúcho. Aqueles que se apossaram dessa legem cultural para transformá-la em gentílico dos habitantes de um estado brasileiro prestaram um desserviço à cultura. Dentre a valorosa população do Rio Grande do Sul, boa parte conhece, aceita e respeita e se integra à herança cultural do gaúcho real. A maior parte, porém, não conhece, não se identifica, não aceita e não respeita essa herança cultural, nem da fase do gaúcho real, nem da cópia. Nem poderia. O gaúcho internacional e sua cultura restrita àqueles que vivem com ela tiveram contato e com ela se identificam.

O fim do gaúcho e o curso de uma Cultura

Das malocas, dos toldos, dos casebres e dos acampamentos, nasce o mate, a preferência por carne assada e o gosto pelas guitarras, os sapateados masculinos e mais tarde o uso do acordeão e *bandoneón*.

Das malocas, dos toldos, dos casebres e dos acampamentos, nascem a *milonga*, a *guarânia*, o *tango*, a *zamba*, o *chamamé* e o *bugio*, ritmos e cantos autenticamente sulamericanos e ligados ao gaúcho. Têm a nostalgia, o romantismo, o telurismo e o amor à natureza e à mulher, são retratados nessa produção musical, cuja penetração só não é maior pelo mune fora porque se utiliza de um linguajar pouco compreendido pelos *gaúchos*.

Durante a Guerra do Paraguai, a arma de cavalaria; encarregou de reunir argentinos, uruguaios sulbrasilianos nos mesmos acampamentos, ao redor dos mesmos fogos-de-chão, tomando mate nas mesmas cuias, comendo churrasco dos mesmos espetos e, depois, vestindo a mesma roupa, a bombacha.

O tempo se encarregou de mostrar os descendentes *gaúchos* já como peões ou soldados, como assalariados e não mais como homens livres, ginetes, matreiros, sócios do quero-quero e primos-irmãos da coruja, alma ampla como a pradaria, seu habitat preferido, mais como aquele que conheceu a imponência dos ventos e aprendeu a determinar as estações do ano pelo canto dos passarinhos.

Talvez por toda essa simplicidade é que a sombra da cultura chega aos nossos dias e faz com que tantos

se adaptem a ela. Talvez isso se deva ao fato de que todos os povos tenham algo desse gaúcho primitivo. Os imigrantes europeus, surrados pela exploração e miséria sofridas em seus países, tinham e têm bons motivos para aceitar a ideologia, o espírito libertário desse homem, o seu apego aos animais e à natureza, o seu sentido familiar. E foram, os imigrantes, muito bem aceitos no meio dos descendentes do gaúcho porque não vieram conquistar, nem violar, nem impor, nem explorar; eram e são simples, humildes, vieram para trabalhar, ficar, viver e sobreviver.

De 1870 em diante, desaparece o *gaúcho* real, com a delimitação dos campos com arame farpado. Os campeiros que vieram depois, na qualidade de peões assalariados ou semi-escravos dos patrões estancieiros, foram apenas a sua sombra. Indevidamente, levam o seu nome, mas não a sua qualidade essencial, a autonomia, a renúncia aos vínculos empregatícios e às ordens superiores, como bem retrataram *José Hernández* e *Antônio Lussich*.

A literatura produzida sobre o gaúcho assalariado, narra-o como briguento, valente, indómito, telúrico, sentimental, patriota, qualidades do gaúcho vago, mas não a sua ideologia. A cultura que emerge dessa herança, desse conceito de homem e de vida, reproduz os seus valores, mas não reproduz-lhe as atitudes e o comportamento e muito pouco as suas tradições, costumes, crenças e ritos.

O gaúcho verdadeiro está morto. Os seus seguidores seguem-no na utopia e não na prática.

Expansão da Cultura

Não resta dúvida que a Cultura reproduzida como *gaúcha*, pode ser encontrada em quatro países: Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil.

Na Argentina, Uruguai e Brasil, além dos rastros deixados pelo gaúcho real, a herança cultural ganhou amplitude com as trilhas dos tropeiros que, partindo da Argentina passavam pelo Uruguai e subiam pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, semeando hábitos, usos e costumes, ensinando dialetos e sotaques, fundindo termos das línguas africanas, quêchua, malaiala, guaicurú, minuana, charrua, guarani, espanhola, portuguesa e, ao final, alemã, italiana e polonesa: o mais rico e sem similar no planeta.

No final do século XIX e início do XX, começam surgir na região as primeiras associações culturais preservacionistas: no Uruguai, *La Criolla*; no Brasil, o Partenon Literário. Os escritores, os poetas e os artistas são os primeiros a escrever, fazer versos e cantar o gaúcho. Surgem os festivais: *Cosquín*, *Pátria Gaúcha*, Califórnia (e sucedâneos) entre outros.

Em 1948, o pós-guerra fazia chegar aos campos e às

idades os sons das emissoras de rádio, as imagens do cinema e as primeiras literaturas com os primeiros sinais da cultura de exportação. O curral antes de propriedade inglesa, agora é entregue aos Estados Unidos, por partilha de guerra. Os filhos do interior riograndense, localizados na cidade grande, ao se vestirem como o camponês, são humilhados em público. Um punhado deles funda o primeiro Centro de Tradições Gaúchas e tem início a costura de várias correntes de cultura e folclore sob uma mesma organização e ordenação.

Com a crise econômica ditada pela Revolução Verde, a partir do fim da II Guerra e com o avanço da fronteira agrícola e a interiorização do progresso nas direções Norte e Oeste do Brasil, os rurais dos estados do Sul do Brasil, quase todos filiados a essa corrente cultural, foram levando seus cetegês pelo Brasil a fora. E para fora do Brasil também.

O Mercosul Cultural está a dever uma integração absoluta, no mínimo, de duas grandes vertentes de cultura de seu povo: as Missões e os Gaúchos.

Para a imensa aceitação da prática da cultura e do folclore dos gaúchos no Brasil, há explicações sociológicas, antropológicas e, portanto, científicas. Ela se caracteriza por:

1. Lidar com o rural, com o cavalo, com o boi, pondo o homem em contato com a natureza, uma necessidade humana;
2. Trabalhar o patriotismo e rejeitar a invasão de culturas estranhas, inerente à cidadania;
3. Reunir as pessoas em torno do fogo-de-chão, para o mate, para as tertúlias, os serões, as serestas, a poesia e o causo, remetendo o homem para o aconchego das cavernas, dos galpões e das cozinhas, onde, por primeiro, a família se formou;
4. Realizar seus fandangos de luz acesa, com os casais dançando aos pares, repetindo o que tradicionalmente é aceito como comportamento humano;
5. Comparecer às festas com três ou mais gerações de uma mesma família, o que integra os clãs familiares;
6. Proporcionar aos hoje numerosos descendentes de italianos e portugueses, a oportunidade de exercitarem a sua maior vocação inata: cantar. E aos também numerosos descendentes de alemães, poloneses e espanhóis, a sua maior vocação inata: dançar.
7. Desenvolver as suas atividades culturais dentro de padrões morais onde o respeito, a disciplina, a hierarquia, a solidariedade e a amizade sempre estiveram presentes e é parte de suas vidas há 5 mil anos.